

TECENDO RELAÇÕES NO ESPAÇO URBANO: Bruno Latour,
Ecodesign, Economia Solidária

WEAVING RELATIONSHIPS IN URBAN SPACE: Bruno Latour,
Ecodesign, Solidarity Economy

TEJIENDO RELACIONES EN EL ESPACIO URBANO: Bruno
Latour, Ecodiseño, Economía Solidaria

Silvia Rosa da Costa Corrêa¹

Cidoval Moraes de Sousa²

RESUMO: As grandes transformações tecnológicas possibilitaram grandes avanços da humanidade, contudo, o excesso dos recursos naturais para produção de bens de consumo e suas atividades produtivas, levaram o planeta a atual crise climática, criar alternativas que possibilitem desenvolvimento com sustentabilidade é o grande desafio dos tempos atuais. Neste contexto que se faz a presente proposta de pesquisa, compreender como o ecodesign se reelaborou na sociedade industrial capitalista, transformando-se em uma tecnociência de natureza engajada, com os pressupostos do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Buscando responder à pergunta: Como mutar para um ecodesign engajado à luz dos estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade? Neste, são apontados aspectos que podem ser concretizados e visualizados em espaços urbanos que contemplem a Economia Solidária, ao considerar as relações entre “humanos e não humanos” abordado por Bruno Latour, na busca por um ecodesign engajado dentro do território solidário. Serão apresentados os dados preliminares já alcançados pelo estudo e analisados em contexto CTS, que considerou o ecodesign, as condições sociotécnicas de criação, produção e realização nas Feiras Populares de Economia Solidária na Cidade de Joinville - SC. Para tanto, foi necessário o uso da metodologia de pesquisa exploratória, incluindo observação, registro por fotos, vídeos e escuta, uma aproximação preliminar do objeto.

PALAVRAS-CHAVE: Ecodesign; Economia Solidária; Espaço Urbano.

ABSTRACT: Major technological transformations have enabled humanity's great advances. However, the oversupply of natural resources for the production of consumer goods and related productive activities has led the planet to the current climate crisis. Creating alternatives that enable sustainable development is the greatest challenge of our times. It is within this context that this research proposal aims to understand how ecodesign has been reshaped in capitalist industrial society, transforming itself into a

¹ Silvia Rosa da Costa Corrêa, é Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência Tecnologia e Sociedade na Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR. E-mail: sil.costacorrea@gmail.com

² Professor Orientador, Doutor Cidoval Moraes de Sousa leciona na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e da Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR. E-mail: cidoval@servidor.uepb.edu.br

technoscience of engaged nature, with the assumptions of the field of Science, Technology, and Society (STS). Seeking to answer the question: How can we shift toward an engaged ecodesign in light of studies in Science, Technology, and Society? This paper highlights aspects that can be realized and visualized in urban spaces that contemplate the Solidarity Economy, considering the relationships between "humans and non-humans," as addressed by Bruno Latour, in the search for an engaged ecodesign within the solidarity territory. The preliminary data already achieved by the study will be presented and analyzed in the context of CTS, which considered ecodesign, the sociotechnical conditions of creation, production and realization in the Popular Fairs of Solidarity Economy in the City of Joinville - SC. To this end, it was necessary to use the exploratory research methodology, including observation, recording through photos, videos and listening, a preliminary approach to the object.

KEYWORDS: Ecodesign; Solidarity Economy; Urban Space.

RESUMEN: Las grandes transformaciones tecnológicas han propiciado los grandes avances de la humanidad. Sin embargo, la sobreoferta de recursos naturales para la producción de bienes de consumo y actividades productivas conexas ha llevado al planeta a la actual crisis climática. Crear alternativas que faciliten el desarrollo sostenible es el mayor desafío de nuestro tiempo. En este contexto, esta propuesta de investigación busca comprender cómo el ecodiseño se ha transformado en la sociedad industrial capitalista, transformándose en una tecnociencia de la naturaleza comprometida, con los supuestos del campo de la Ciencia, la Tecnología y la Sociedad (CTS). Busca responder a la pregunta: ¿Cómo podemos avanzar hacia un ecodiseño comprometido a la luz de los estudios en Ciencia, la Tecnología y la Sociedad? Este artículo destaca aspectos que pueden materializarse y visualizarse en espacios urbanos que contemplan la Economía Solidaria, considerando las relaciones entre "humanos y no humanos", como las abordó Bruno Latour, en la búsqueda de un ecodiseño comprometido dentro del territorio solidario. Los datos preliminares ya alcanzados por el estudio serán presentados y analizados en el contexto del CTS, que consideró el ecodiseño, las condiciones sociotécnicas de creación, producción y realización en las Ferias Populares de Economía Solidaria en la Ciudad de Joinville - SC. Para ello, fue necesario utilizar la metodología de investigación exploratoria, que incluyó la observación, registro a través de fotos, videos y escucha, una aproximación preliminar al objeto.

PALABRAS CLAVE: Ecodiseño; Economía Solidaria; Espacio Urbano.

INTRODUÇÃO

Um dos autores do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) que melhor contextualiza o ecodesign é Bruno Latour (2014), relata que os Estudos em Ciência e Tecnologia (ECT) questionam a forma e a função do design, com questões complexas e contraditórias nos conflitos entre humanos e não humanos e demonstra que os artefatos têm política "(...) não há objetos, mas somente

coisas e agrupamentos em disputa” (Latour, 2014, p.10). Ele ampliou o conceito de design em 5 formas distintas, sugeriu ao ecodesign considerar as questões de conflitos e poder político para minimizar os efeitos da crise ambiental.

Contudo, as definições tradicionais sobre ecodesign tratam somente de aspectos tecnológicos, para o Ministério do Meio Ambiente no Brasil (MMA, 2009) e Manzini e Vezzoli (2016) o ecodesign contempla os aspectos ambientais, com objetivo de projetar ambientes, desenvolver produtos/processo/serviços que reduzem o uso dos recursos não renováveis para minimizar o impacto ambiental no seu ciclo de vida. Para eles, o ecodesign incorpora as dimensões da sustentabilidade (ambiental, social, econômica) na avaliação das implicações ambientais para soluções técnicas, econômicas e socialmente aceitáveis. Mas ao ampliar o conceito, Latour (2014) sugere aos designers considerar os conflitos, interesses, poder político e a necessidade de contemplar o olhar do outro com todos os atores envolvidos.

O ecodesign é fruto da tradicional Ciência e Tecnologia, mas Latour (2014) acredita que não é preciso abandonar tudo o que existe sobre o tema, mas que será necessário um redesign, isto é, reelaborar o ecodesign para identificar as questões de interesse e de política para que de fato possa minimizar a crise ambiental. Ao refletir sobre a proposta de Latour, é necessário alcançar mudanças positivas que alterem os efeitos nefastos do sistema produtivo sobre o planeta, e questionar o sistema econômico em que o ecodesign está inserido.

Dagnino (2019) defende que, em nossa sociedade capitalista a economia solidária pode atenuar a exclusão social e reverter o quadro econômico com estilo de desenvolvimento mais justo e ambientalmente correto. Compartilhando da mesma ideia, Singer (2002) diz que a economia solidária considera a igualdade entre os membros de uma sociedade e guia-se pela cooperação, ao contrário da competitividade. Desta forma, a economia solidária é “(...) um espaço constituído por redes de produção e consumo baseadas na propriedade coletiva dos meios

de produção e na autogestão, capaz de expandir-se e adquirir sustentabilidade no âmbito de uma economia capitalista periférica” (Dagnino, 2019, p.11).

Desta forma, o objetivo geral foi compreender como o design se reelaborou no enfrentamento das contradições da sociedade industrial capitalista, configurando-se como uma nova tecnociência de natureza engajada, segundo os pressupostos do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Os 3 objetivos específicos, são: 1 – Abordar brevemente o ecodesign em contexto CTS; 2 – Apresentar, parte da coleta de dados qualitativos já alcançados, ilustrados por imagens das Feiras Popular de Economia Solidária na Cidade de Joinville - Santa Catarina. 3 – Analisar os dados preliminares considerando o ecodesign na perspectiva CTS e sua aproximação à economia solidária, nas condições sociotécnicas de criação, produção e realização.

Utilizou-se a metodologia de pesquisa exploratória de cunho qualitativo, foi um movimento de aproximação preliminar do objeto, onde os dados foram coletados de forma qualitativa constituída de observação, produção imagética (foto, vídeo) e escutatória. Baseado nas considerações de: Gil (1994); Moreira e Caleffe (2006); Robert K. Yin (2016). Na análise dos dados foram considerados 2 pontos principais: 1 - Abordagem do campo CTS; 2 - Definição sobre o ecodesign. No primeiro ponto, em contexto CTS foi observado as sugestões de Latour ao ecodesign e os aspectos de cooperativismo e associação da economia solidária. No segundo ponto, as definições do ecodesign apontadas por Manzini e Vezzoli (2016) e o Ministério do Meio Ambiente no Brasil (MMA, 2009). O resultado aqui apresentado é um pequeno recorte da pesquisa maior, com produtos de 2 feiras visitada.

RESULTADOS

Optou-se por realizar a primeira etapa por meio de uma aproximação entre a pesquisadora e os atores envolvidos nas feiras de economia solidária no

município de Joinville, SC. Isso permitiu coletar dados qualitativos no diálogo informal e na observação do ambiente, dos produtos e artefatos, com base em considerações sobre o ecodesign, sustentabilidade e aspectos estéticos. Iniciou-se conversando com as artesãs e explicando a pesquisa e sua relação com a economia solidária. Mantendo sigilo dos nomes dos entrevistados.

FEIRA SINDICAL

A primeira Feira visitada é organizada por um movimento sindical, haviam 13 expositores como: artesãs, professoras, cozinheiras, costureiras e comerciantes. Ao todo, 11 mulheres e somente 2 homens. Foi observado que as pessoas não eram de baixa renda, comentaram ter outra fonte de renda, além de fazer investimento financeiro na sua produção.

Foi possível identificar as preocupações com o meio ambiente e cuidados tomados na produção dos artesanatos. Utilizam matéria-prima que não prejudique o meio ambiente, como materiais orgânicos ou reciclados considerando as implicações do descarte. De forma prática, compreendem o pensamento em ciclo de vida, da extração ao descarte. Foi identificado em conversa que, as artesãs compreendem na prática os 5 Rs (Reduzir, Reutilizar ou reaproveitar, Reciclar, Repensar, Recusar) utilizando esses princípios na criação de seus artesanatos. Além disso, quase todas são engajadas em movimentos sociais, tais como: causa animal, feminismo, sindicalista e discriminação de mulheres negras.

Foram selecionados 2 registros fotográficos (Figura 1), na primeira imagem os produtos foram construídos com o reaproveitamento de objetos encontrados na praia, como pedaços de madeira, fibras naturais, conchas e ostras, escamas de peixe. Conforme relato da artesã, inicia-se com limpeza e tratamento dos objetos encontrados, por meio de resinas e tingimentos naturais. Além disso, utilizam fibras naturais somente de vegetação local especificamente

a palmeira Butiá. A artesã relatou que houve um período em que a região não tinha mais espécie, ela mesma, começou a fazer replantio da palmeira Butiá na região, hoje se encontra de forma equilibrada na fauna local.



Figura 1 – Artesanato em argila, folha de palmeira e conchas do mar.
Fonte: Elaborado pelos autores.

A Figura 2, pode ser observado o local onde ocorre a feira e o espaço urbano onde é inserido, além dos aspectos de comunicação com o consumidor e as estruturas das barracas e expositores. Ocorre no pátio de estacionamento do sindicato, o chão irregular dificulta a estabilidade das barracas, a faixa de apresentação e comunicação não está com boa visualização. Mas, o espaço é amplo e cabem todas as barracas, próximo a uma rua principal com bastante movimento de carros e pessoas.



Figura 2 – Espaço urbano onde ocorre a feira.
Fonte: Elaborado pelos autores.

FEIRA CENTRAL

A outra Feira visitada é organizada, em partes, pela Prefeitura de Joinville, algumas decisões são tomadas pelo grupo de artesãs, costureiras e cozinheiras, todas mulheres, realizam reuniões semanalmente para definir as ações sobre o dia que ocorrerá a feira. As artesãs fazem um levantamento da previsão do tempo com antecedência, caso haja vento forte e chuva, é cancelada no dia anterior e comunicado à Prefeitura. Neste grupo existem conselheiras eleitas que se reúnem e tomam decisões de consenso para todos, por meio de votação. A prefeitura se envolve da seguinte forma: incentivando as atividades; cadastrando os empreendedores; disponibilizando e autorizando o local na cidade; fazendo o controle dos participantes; determinando as regras; autorizando o local e dia de realização. As regras são determinadas por regimentos e no site são apresentados os endereços das feiras de economia solidária que recebem incentivo da Prefeitura.

A abordagem inicial aconteceu da mesma forma que a anterior, no entanto, ao chegar foi observado (Figura 3) que não havia nenhuma faixa de

comunicação com o público, eram 13 barracas de artesãs, dessas, conversei com 7. Observando as considerações sobre ecodesign, em conversa com as artesãs, foi possível identificar as preocupações sobre questões ambientais nos processos produtivos dos artesanatos. Também comentaram que utilizam para fabricação matéria-prima que não prejudique o meio ambiente (orgânicos ou reciclados) e consideram as implicações do descarte de forma adequada.



Figura 3 – Espaço urbano onde ocorre a feira.
Fonte: Elaborado pelos autores.

Em similaridade à feira anterior, observou-se que as artesãs também compreendem os aspectos de sustentabilidade e a aplicação da prática dos 5 Rs. No entanto, as artesãs da feira central buscam sua matéria-prima na cooperativa de catadores de lixo reciclado, selecionando e reaproveitando objetos descartados para compor o processo de construção e fabricação dos artesanatos,

desta forma, as artesãs repensam a forma de fabricação e recusam determinados materiais que em seu fim de vida prejudicaria o meio ambiente.

É possível observar o local onde ocorre a Feira Central na Figura 3, localizada na região central da cidade está rua faz parte da sua História, com grandes palmeiras imperiais. Hoje, é um dos principais pontos turísticos de Joinville-SC e tombado como patrimônio cultural, ao seu redor possui museus e prédios históricos.



Figura 4 – Bonecas de pano e objetos de decoração, todos de materiais reciclados de cooperativa.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A figura 4 traz artefatos de decoração e personagens da cultura local, a artesã chama de esculturas e são construídos 100% com materiais reciclados advindos da cooperativa de catadores com várias bonecas de pano e utiliza retalhos de tecido das fabricas da região. Esta artesã é costureira e trabalha com patchwork.

Já os espaços Urbanos onde se encontram as duas Feiras são diferentes entre si. A primeira em um local privado, do sindicato. A segunda em um ponto turístico da cidade tombado como patrimônio público, região central da cidade. Este, é um espaço público onde várias pessoas circulam todos os dias.

CONCLUSÃO

Na presente pesquisa, ao relacionar os dados coletados com o referencial teórico, o ecodesign quando se aproxima do artesanato, tradicionalmente considera a dimensão social da sustentabilidade, a geração de renda, o trabalho manual, a valorização dos saberes locais. Entretanto, não considera aquilo que a Economia Solidária mais prioriza, que é a propriedade coletiva dos meios de produção, como abordado por Dagnino e Singer. Os dados obtidos, dialoga com os estudos em CTS, possibilita um redesenho ao pensar no agrupamento das “coisas” proposto por Latour. Isso acontece, por exemplo, com a observação dos artefatos e dos produtos na feira, a visão do ecodesign sobre eles e os apontamentos sobre as dificuldades das artesãs.

Foram encontradas dificuldades em relação à organização das feiras e à falta de apoio institucional. Tanto pelo diálogo quanto pela observação é possível concluir que não há divulgação e nem comunicação efetiva com a sociedade sob a ótica do design. É preciso elaborar materiais gráficos e planejamento de campanha. Outro ponto importante, diz respeito à estrutura do local, as barracas de proteção não são adequadas ao clima da região, são fracas e qualquer vento ou chuva mais forte faz com sejam rapidamente desfeitas ou canceladas com antecedência.

Em ambas as feiras, foram encontrados aspectos positivos que se relacionam com o ecodesign na prática, como a compreensão sobre as etapas do ciclo de vida dos produtos e 5Rs (ecodesign), ao relatarem que: tomam muito cuidado ao extrair a matéria prima para não prejudicar a natureza; atuam de forma ativa na recuperação ou conservação dos materiais naturais utilizados; sabem escolher processos e materiais não prejudiciais ao meio ambiente; e reutilizam materiais que foram descartados. Atuam no protagonismo feminino, engajamento em causas sociais e ambientais. Observou-se que as artesãs

possuem várias adaptações ou criam suas próprias ferramentas para confecção dos produtos, além das adaptações nas barracas e guarda-sol.

REFERÊNCIAS

DAGNINO, Renato. **Tecnociência solidária: um manual estratégico**. Marília: Lutas Anticapital, 2019. 161 p.

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas S.A, 1994.

LATOUR, Bruno. Um Prometeu Cauteloso?: alguns passos rumo a uma filosofia do design. (com especial atenção a Peter Slotedijk). in: Agitprop: **revista brasileira de design**, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago. 2014.

MANZINI, Enzo; VEZZOLI, Carlos. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais**. Tradução de Astrid de Carvalho. 4. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Ecodesign**. MMA, 2009. Disponível em:
<https://antigo.mma.gov.br/informma/item/7654codesign.html#:~:text=%C3%89%20todo%20o%20processo%20que,durante%20seu%20ciclo%20de%20vida>. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: PD&A, 2006.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**/Paul Singer- 1ª-ed.-São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**/ Robert K. Yin; tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Dirceu da Silva. – Porto Alegre, 2016.